



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## **ELEMENTOS VISUAIS DO JORNAL SEM TERRA: REFORÇO AOS SÍMBOLOS E À UNIDADE<sup>1</sup>**

**Elza Aparecida de OLIVEIRA FILHA**

Professora da Universidade Tuiuti do Paraná e das Faculdades do Brasil

***RESUMO*** - .

**Palavras-chave:** .

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP12 – Núcleo de Pesquisa Comunicação para a Cidadania, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04. setembro.2002.



## Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar os elementos visuais do Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (JST), editado sob responsabilidade da Secretaria Nacional de Comunicação, ligada à Direção Nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Trata-se de um jornal mais velho do que o próprio Movimento<sup>1</sup> e comemorou 20 anos de circulação em agosto de 2001. A publicação é mensal e circula atualmente com 16 páginas, formato germânico (pouco maior que um tablóide normal, com 28 centímetros de largura e 42 de altura), contendo capa, contracapa e páginas centrais coloridas.

A tiragem de 30 mil exemplares tem um público misto: os militantes e integrantes de base do MST, espalhados por assentamentos e acampamentos de todo o Brasil, e os assinantes externos. São nove mil apoiadores urbanos do Movimento, entre políticos, sindicalistas, religiosos e outros profissionais que respaldam a luta dos sem-terra. O JST chega também a dezenas de entidades e organizações em mais de 50 países.

Partindo da constatação de que, pelo menos no segmento interno, um elevado percentual do público do JST apresenta dificuldades de compreensão da palavra escrita<sup>2</sup>, buscou-se perceber a importância dos elementos visuais na publicação. Ênfase maior será dada à fotografia, em função de seu caráter de aferição da verdade e pelas mensagens passadas nas imagens editadas pelo jornal. Para dar conta desta tarefa analítica, a primeira parte do texto que se segue fará uma revisão bibliográfica sobre a fotografia como forma de expressão e do fotojornalismo como maneira de difusão de

---

<sup>1</sup> O MST foi oficialmente constituído durante um encontro realizado em Cascavel (PR), em 1984, reunindo 80 representantes de 13 estados. Em janeiro de 85 aconteceu em Curitiba (PR) o I Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, com 1600 delegados de todo o Brasil (Stédile, 1999 p.45 a 51). Já o JST assumiu a herança da numeração de um boletim editado desde 1981 pela Pastoral da Terra e outras entidades, em apoio aos colonos acampados na Escruzilhada Natalino, um dos marcos na luta pela terra no Rio Grande do Sul, de grande importância na constituição inicial do MST (JST, agosto 1991).

<sup>2</sup> O I Censo Nacional e Pesquisa Sócio Econômica dos Assentamentos de Reforma Agrária no Brasil, realizado entre novembro de 1996 e março de 1997, através de um convênio entre o Incra e o Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, sob a coordenação da Universidade de Brasília, demonstrou, por exemplo, que 31,12% dos beneficiários do programa de reforma agrária eram analfabetos e 12,51% tinham alfabetização incompleta (Ferreira, 1999 p. 150)

1 Trabalho apresentado no NP12 – Núcleo de Pesquisa Comunicação para a Cidadania, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04. setembro.2002.



informações.

Com base neste suporte teórico serão avaliados os dez números do JST publicados entre julho de 2000 e junho de 2001, do ponto de vista do uso de material ilustrativo. Entre os números analisados está uma edição especial, a de número 203, de agosto de 2000, que foi editada com 24 páginas e amplo material fotográfico de cobertura do 4º Congresso Nacional do MST, realizado no início daquele mês, em Brasília.

### **A sociedade da comunicação por imagens e a fotografia**

Vivemos hoje em uma sociedade cada vez mais visual, onde a comunicação se faz especialmente pela imagem. A televisão – e mais recentemente, o computador – modificou a natureza da comunicação, deslocando-a do contexto da palavra para o contexto da imagem. A diferença é radical. “A palavra é um ‘símbolo’ inteiramente resolvido naquilo que significa, naquilo que deixa compreender. E a palavra só deixa compreender se for compreendida, isto é, se conhecermos a língua a que pertence; de outro modo, é letra morta, um signo ou um som qualquer. Pelo contrário, a imagem é pura e simples representação visual. A imagem, simplesmente vê-se; e para a ver basta a visão, basta não sermos cegos. A imagem não se vê em chinês, árabe ou inglês” (Sartori, 2000 p.27).

A invenção da fotografia, por volta da metade do século XIX, alterou a relação do homem com a imagem. Antes, os retratos eram pintados pelos artistas e se restringiam às classes privilegiadas. As pinturas, religiosas ou envolvendo outras temáticas, também ficavam restritas às paredes dos palácios e igrejas. Com a fotografia, o homem comum pôde se ver retratado e, especialmente depois da introdução da imagem fotográfica na imprensa, o mundo ganhou dimensões diferentes. Milton Guran cita a obra *A fotografia como documento social*, de Gisele Freund, para mostrar a importância desse fenômeno:



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

*Até então o homem comum só podia visualizar os acontecimentos que ocorriam a sua volta, na sua rua, na sua cidade. Com a fotografia se abre uma janela para o mundo. Os rostos dos personagens públicos, os acontecimentos que têm lugar em um mesmo país e além das fronteiras se tornam familiares. Ao ampliar o campo de visão, o mundo se encolhe. A palavra escrita é abstrata, mas a imagem é o reflexo concreto do mundo onde cada um vive. A fotografia inaugura o mass-media visual quando o retrato individual se vê substituído pelo retrato coletivo (Guran, 1992 p.12).*

Tão ou mais importante do que o domínio da técnica (enquadramento, luz, foco) e a existência de um bom equipamento (câmeras, lentes, filmes adequados) é a visão de mundo do fotógrafo, sua sensibilidade, que responderá prioritariamente pela qualidade da fotografia. Como diz o jornalista Jânio de Freitas, na apresentação do livro *As melhores fotos de Sebastião Salgado*: "É um engano corrente, que percorre o mundo e o tempo, o de que a câmera fotografa o que o olho vê. Não, ela registra o que a alma vê. E os olhos da alma não são os olhos do rosto, também meras câmeras. Os olhos da alma são este mistério impenetrável, que se chama sensibilidade – um confuso amálgama de talentos, história pessoal de vida, instinto, reflexos, convívio, raízes culturais, e todo o inexplicável humano. A grande fotografia é um dos frutos deste mistério" (Salgado, 1992 p.5).

A linguagem fotográfica é essencialmente emocional e sensível, embora exista uma certa racionalidade no processo da sua construção. Mais do que o texto, a fotografia conduz o leitor a uma rápida associação de idéias e sentimentos, facilitando a absorção da informação apresentada na imagem.

O apelo emocional que algumas fotos provocam são capazes de gerar mobilizações coletivas e alterar o curso dos acontecimentos. A menina vietnamita queimada por napalm correndo nua em uma estrada para fugir de novas bombas jogadas pelos norte-americanos, ou o estudante chinês que se colocou na frente de um



tanque para impedir o acesso das tropas militares na Praça da Paz Celestial, em Pequim, são algumas fotos que certamente continuarão lembradas mesmo depois da morte de seus protagonistas. “Essas imagens se tornam, com frequência, atemporais. Superadas as necessidades imediatas e esquecidos os nomes dos personagens, vão continuar a interessar pelo seu conteúdo surpreendente e intrigante que estimula o espírito” (Humberto, 1983 p.30).

Guran diz que o impacto emocional é obtido pela decisão do fotógrafo ao enquadrar uma parcela da realidade, compondo a imagem que vai repassar a outras pessoas não presentes naquele momento. “Diante de uma tela vazia o pintor vai introduzindo os elementos constitutivos do quadro. Na fotografia a composição é subtrativa – diante de uma realidade determinada e visualmente prolixa, o fotógrafo vai eliminando os elementos não essenciais para destacar a essência de sua mensagem plástica” (Guran, 1992 p.13).

O grande diferencial da fotografia, notadamente do fotojornalismo, é sua vinculação com a realidade. Ao contrário de outras formas de expressão por imagem, a fotografia é um fragmento do real, perpetuado num determinado instante por escolha do fotógrafo. “O que a Fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente” (Barthes, 1984 p.13). Por isso, sua importância de testemunho histórico e a necessidade que o fotógrafo tem de “clique” no momento exato. “O ato de fotografar se realiza em uma fração mínima de tempo, e essa característica marca toda a complexidade e a singularidade da fotografia (...). Portanto, fotografar é efetivar um reconhecimento antecipado: aquilo que é visto não pode mais ser fotografado, porque já passou” (Guran, 1992 p.17).

O autor alinha seis aspectos que considera fundamentais da linguagem fotográfica: a luz, a escolha do momento, o ajuste focal, o enquadramento, as objetivas e os diferentes códigos representados pela foto preto-e-branco e em cores. A conjugação de todos estes elementos garante o melhor ou o pior desempenho do fotógrafo, desmontando a idéia até certo ponto comum depois da popularização da fotografia de



que se trata de uma atividade “simples”. Segundo Cartier-Bresson, um dos grandes mestres do fotojornalismo, o denominador comum entre as pessoas que fotografam em todo o mundo é o uso da câmera. Uma boa foto pressupõe outros condicionantes, conforme citação feita por Guran do livro *The Aperture History of Photography*, publicado por Bresson em 1976:

*O fotógrafo tem sempre que buscar suas fotos com grande respeito pelo objeto fotografado e por si próprio. Tirar fotos é prender a respiração quando todas as faculdades convergem para a realidade fugaz. É neste instante que apoderar-se de uma imagem torna-se um prazer físico e intelectual. Fotografar é – simultaneamente e numa mesma fração de segundo – reconhecer o fato em si e organizar rigorosamente as formas visuais percebidas para expressar o seu significado. É por uma mesma linha: cabeça, olho e coração (Guran, 1992 p. 19).*

Este instante de prazer físico e intelectual definido por Bresson é a principal escolha do fotógrafo: o momento de liberar o obturador da câmera. A realidade está em constante mudança e até mesmo uma paisagem, que parece estática, sofre alterações constantes em sua composição, pela organização e reorganização dos elementos constitutivos ou até mesmo pela diferença de ação da luz. “É por trabalhar sobre o momento que a fotografia hoje se faz única na função de representar a realidade. O momento fotográfico, nunca é demais lembrar, é o momento intuído. A fotografia é uma fatia muito rápida da realidade. Mais rápida, aliás, do que pode perceber conscientemente o olho humano. Por isso mesmo, escolher o momento exato só é possível a partir do envolvimento do fotógrafo com a cena que se desenrola no visor” (Guran, 1992 p.49).

Se, de um lado, há o reconhecimento de que a fotografia é o registro escolhido pelo fotógrafo, em função de seu modo de ver o mundo, por outro, é importante



lembrar que também o observador da imagem vai acionar os seus mecanismos internos para retirar da fotografia as informações que considera importantes

*Toda imagem incorpora uma forma de ver. Mesmo uma fotografia. Porque as fotografias não são, como se presume freqüentemente, um registro mecânico. Cada vez que olhamos uma fotografia estamos cientes, por mais superficialmente que seja, do fotógrafo selecionando aquela cena entre uma infinidade de outras possíveis. Isto é verdadeiro mesmo em se tratando do instantâneo familiar mais informal. O modo de ver do fotógrafo é reconstituído pelas marcas que ele fez na tela ou papel. Contudo, embora toda imagem incorpore uma maneira de ver, nossa percepção ou apreciação de uma imagem depende também do nosso próprio modo de ver (Berger, 1999 p.12).*

Ao contrário do texto, que pode ser transformado pela adição ou subtração de uma única palavra, deixando de ser, por exemplo, uma descrição para se tornar um apelo à reflexão, a fotografia é sempre a representação contingenciada de alguma coisa. Por isso, Roland Barthes atribui a ela a capacidade de fornecer “detalhes” que constituem o próprio material do saber etnológico. Muitas fotos, inclusive no *Jornal Sem Terra*, oferecem dados adicionais para a percepção da realidade mais ampla, seja pela expressão facial dos personagens, suas vestimentas, os objetos simbólicos que empunham ou as circunstâncias nas quais foram fotografados.

O semiólogo francês, para quem a foto é perigosa, alinha cinco funções no fazer fotográfico: informar, representar, surpreender, fazer significar e dar vontade. “No fundo, a fotografia é subversiva, não quando aterroriza, perturba ou mesmo estigmatiza, mas quando é *pensativa*” (Barthes, 1984 p.62).

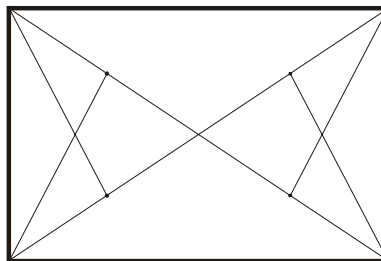


INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

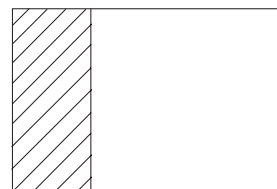
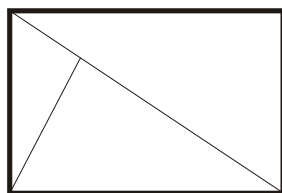
## Instrumentos de avaliação

O visor da câmera, por intermédio do qual a realidade é recortada, constitui um *retângulo áureo* cujas regras de composição já foram exaustivamente estudadas pelas artes plásticas. Embora a fotografia não trabalhe em condições semelhantes à pintura, por exemplo, especialmente porque a realidade está em constante movimento, os conceitos do retângulo áureo são aplicáveis à imagem fotográfica.

O conceito principal é o que estabelece os *pontos áureos* do retângulo e a chamada *divina proporção* na divisão desse espaço. Os pontos áureos são pontos de harmonia na proporção das massas do retângulo que se constituem em centros visuais (óticos) do espaço. Obtêm-se os pontos áureos fazendo passar pelos quatro ângulos linhas perpendiculares às diagonais do retângulo:



Se traçarmos uma paralela aos lados menores do retângulo passando por dois pontos áureos, dividiremos o espaço em duas partes proporcionais (divina proporção), em que o retângulo menor resultante estará para o maior assim como este está para o todo:



*A composição em que o centro de atenção coincida com o ponto áureo será mais dinâmica e harmoniosa, enquanto aquela em que o centro de atenção estiver no centro geométrico (o ponto de interseção das duas diagonais) tenderá para o estático. O mesmo acontece com as diferentes áreas de luz e*





INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

*sombra, trabalhadas a partir dos parâmetros da Divina Proporção (Guran, 1992 p. 31).*

Existem regras básicas de enquadramento que são, a um só tempo, muito citadas e muito transgredidas pela criatividade dos fotógrafos. Não cortar o pé de quem está no primeiro plano; não cortar a cabeça de quem está atrás; fazer com que o personagem olhe para a câmera, em caso de retratos; ter um apoio de primeiro plano no caso de uso de grande angular, etc. A única regra definitiva, no entender de Milton Guran, é a “limpeza” da imagem no que toca à informação principal, a menos que a informação principal seja justamente a desorganização e a confusão, ressalta ele.

Outro aspecto que não pode ser desconsiderado na avaliação da fotografia é a luz (e a sombra), que dá volume e profundidade plástica a uma imagem. “A intensidade, o tipo e a direção da luz são fatores determinantes para o resultado de uma foto. A luz é o que dá o clima (atmosfera) de uma foto, e isso já é informação” (Guran, 1992 p.33). A luz pode ser direta, gerando mais sombras e contrastes na imagem, ou difusa, como um dia nublado, criando sombras menos profundas e valorizando, de igual maneira, os vários elementos da composição fotográfica.

A luz, evidentemente, atua de maneira distinta nas fotos preto-e-branco (onde é essencial) e em cores. A direção da luz é outro dado fundamental: se vem de cima, achata e tira a sensação de volume; se é lateral, projeta sombras e revela a massa dos elementos; se a fonte de luz está às costas do fotógrafo, a iluminação da cena será direta, com leitura fácil; quando a foto é feita na contraluz (recurso largamente utilizado por Sebastião Salgado, por exemplo), cria-se um ar de mistério e sutileza.

### **Imagem, Texto e Espaço Editorial**

Para Milton Guran, a fotografia aparece na imprensa em três situações: como ilustração; como informação principal em relação ao texto ou como complemento deste. As fotos, notadamente as imagens de arquivo, podem ajudar a recuperar outras

1 Trabalho apresentado no NP12 – Núcleo de Pesquisa Comunicação para a Cidadania, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04. setembro.2002.



informações relacionadas à notícia ou rememorar aspectos conexos. A legenda, ou o texto-legenda, sustenta a relação da foto com o texto. Os manuais dos principais jornais brasileiros orientam para que a legenda não seja uma repetição do que é mostrado pela imagem. Ela deve identificar os personagens da cena e contribuir para que o leitor entenda melhor a foto. “As legendas devem ser descritivas, sem ser óbvias”, diz o *Manual de Redação e Estilo da Folha de Londrina* (1996, p.75). Uma boa legenda convidará o leitor a explorar melhor a fotografia, prestando atenção em detalhes que poderia ter deixado passar numa primeira olhada. Assim como o bom título induz à leitura do texto, a legenda deve ampliar a apreciação da foto. O Jornal Sem Terra raramente publica suas fotos com legenda.

A colocação da fotografia na página e o espaço ocupado pela imagem são fatores que contribuem para valorizar, ou não, a produção do fotógrafo. “A fotografia nem sempre é reconhecida plenamente como uma forma de comunicação autônoma que, por força de sua linguagem não-verbal, está liberada de qualquer compromisso literário ou de explicações adicionais. Esse fato faz com que permaneça na indigente condição de informação complementar, submetida aos textos” (Humberto, 1983 p.13).

Além da decisão individual do fotógrafo ao recortar a realidade pelo “clic”, que é baseado em sua visão de mundo (como já foi discutido acima), a utilização das imagens na imprensa passa também pelo filtro da ideologia do veículo, do editor de fotografia, do editor da página, entre outros personagens:

*O fato da fotografia lidar com o real não deve lhe conferir uma credibilidade imediata e absoluta, a avaliação da existência ou não de confiabilidade deve se apoiar em critérios judiciosos. A fotografia pode não ser confiável como constatação de uma verdade ou mesmo pode não conter um indicativo seguro da ideologia de seu autor, mas será certamente um resultado decorrente de seu relacionamento com o mundo à sua volta e portanto passível de se transformar em testemunho*



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

*importante, talvez mesmo denunciador, das angústias e aspirações de seu tempo (Humberto, 1983 p.46).*

No Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra os elementos visuais, especialmente fotografias, são bastante utilizados. Nos números avaliados foram publicadas 192 fotos, das quais 39 na edição de agosto de 2000 (número 203), contendo a cobertura do Congresso do MST realizado em Brasília, com a participação de 11 mil delegados de 23 estados. Foram publicadas ainda 19 charges, sendo que 12 tinham o presidente Fernando Henrique Cardoso como personagem principal, e 30 ilustrações (desde montagens usando a bandeira do MST e produtos da terra, até pequenos desenhos identificadores dos assuntos tratados, especialmente na seção “Balaio”, que concentra notícias curtas). Quatro tabelas com dados numéricos, um mapa, um gráfico, um modelo de cédula e três capas de livros completam o material ilustrativo das edições avaliadas.

A linguagem das fotos é direta e, de longe, o maior número de imagens fotográficas passa a mensagem prioritária do MST: a união dos sem-terra em torno do Movimento (simbolizado pelas bandeiras e bonés). Praticamente todas as primeiras páginas dos números pesquisados, com exceção de uma, continham pelo menos uma foto de multidão carregando bandeiras do MST. Em duas capas apareciam também bandeiras do Brasil, fazendo a ligação da luta pela terra com a proposta maior da organização, que é a mudança estrutural da sociedade brasileira. Na edição de junho de 2001 (número 211), sob a manchete “Aumenta ainda mais a crise do governo FHC” está a foto de uma mãe, cercada por quatro crianças (duas nuas), mostrando a panela praticamente vazia.

Fiel a um estilo de diagramação que marca o JST, em cinco das capas editadas no período avaliado, quase todo o espaço era ocupado por uma grande foto, ladeada por chamadas para as matérias internas. Com a exceção já mencionada acima, todas as outras imagens eram de pessoas com bandeiras. Em dois casos (edições de setembro/outubro e novembro, números 204 e 205), as imagens mostravam belas



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

crianças com as bandeiras do Brasil e do MST, numa evidente alusão ao futuro que o Movimento constrói. Na edição de fevereiro, a foto principal da primeira página é de um grupo de sem-terras destruindo, com enxadas e com as próprias mãos, a plantação de soja transgênica da fazenda da multinacional Monsanto, no Rio Grande do Sul. Ao fundo vê-se um grande número de pessoas, com bandeiras do MST. A manifestação aconteceu durante a realização do I Fórum Social Mundial, em janeiro de 2001.

Em outras primeiras páginas, símbolos diversos se misturavam às multidões: na edição de julho, por exemplo, uma imagem da passeata em Brasília mostra ao fundo os prédios do Congresso Nacional e da Catedral – símbolos de poder. Duas vezes (edições de dezembro/janeiro e fevereiro, números 206 e 207) as multidões aparecem com punhos erguidos, num gesto de luta; e em outras duas fotos (edições de abril e maio, números 209 e 210), junto com as bandeiras estão presentes também as cruzes, simbolizando o sacrifício que a luta exige.

Na edição de novembro, três personagens têm fotos, estilo “três por quatro”, publicadas na primeira página: Dom Pedro Casaldáliga, o cantor Chico Cesar e o poeta Patativa do Assaré. A imagem principal da página mostra duas crianças bem pequenas carregando bandeiras e usando bonés do MST para ilustrar a chamada “Sem terrinha realizam jornada por escola, terra e dignidade”, colocada à esquerda da foto. Logo abaixo, no mesmo tamanho de corpo, está a chamada “Cercado de escândalos, FHC usa a mídia para atacar MST”. A manchete principal, em letras maiores, foi deslocada para um local abaixo do meio da página, ocupando todas as colunas. Sob o fundo preto, a manchete começa com letras brancas: “Cai a máscara do governo”, e se completa, a seguir, em letras amarelas sob o fundo verde (cores nacionais), “Sociedade sai em defesa do MST”. Ao lado da foto do bispo Casaldáliga a frase “Bendito seja o MST”; junto ao poeta Patativa do Assaré, um poema sobre a divisão da terra e, acima da foto do cantor Chico Cesar, a informação sobre um show em prol dos presos políticos do MST.

Em três contracapas – outro espaço privilegiado de qualquer publicação – igualmente podem ser encontradas fotos de multidões com bandeiras. Este espaço

1 Trabalho apresentado no NP12 – Núcleo de Pesquisa Comunicação para a Cidadania, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

editorial é geralmente utilizado no JST como “publicitário”: nele são colocadas “chamadas” para os principais eventos que estarão em pauta no próximo período, ou mesmo anunciando um produto à venda, como a agenda e o calendário do MST, na edição de dezembro/janeiro. Assim, o 4º Congresso Nacional, realizado em agosto, ocupou a última página da edição de julho. O mesmo espaço publicou também, em agosto, os dez pontos definidos como bandeiras de luta no encontro. A Jornada Nacional dos Sem Terra, a mobilização das mulheres, a semana Paulo Freire e o Tribunal Internacional dos Crimes do Latifúndio, que aconteceu em Curitiba, também mereceram referências nas últimas páginas das edições dos meses precedentes, sempre com um chamamento à participação.

Duas vezes ao longo do período (edições de março e julho de 2001, números 208 e 211) as últimas páginas publicaram a mesma imagem do sepultamento das vítimas do massacre de Eldorado dos Carajás. Na edição de março havia na contracapa também a chamada para o Tribunal Internacional dos Crimes do Latifúndio, com a fotografia da maquete do monumento do arquiteto Oscar Niemeyer, inaugurado na ocasião.

### **As fotografias no JST**

Apesar da qualidade nem sempre tecnicamente satisfatória das imagens publicadas pelo Jornal Sem Terra – possivelmente por falta de profissionais habilitados, equipamentos etc. –, muitas das fotos podem ser lidas com as ferramentas do retângulo áureo. O elemento mais chamativo, inúmeras vezes, está na bandeira, atendendo ao conceito da divina proporção e colocada na lateral da imagem. As fotos de multidões retratam caminhadas, uma forma especial de manifestação do MST, no geral constituídas por longas e ordeiras filas, representando a disciplina e a unidade que são os princípios fundamentais do movimento.

Os rostos fotografados, ademais, geralmente estão sérios e têm expressões profundas. Mesmo as crianças parecem passar a mensagem de que é necessário encarar com seriedade a luta e a construção do futuro. Os militantes assumem o espírito de

1 Trabalho apresentado no NP12 – Núcleo de Pesquisa Comunicação para a Cidadania, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

sacrifício, que é um valor constantemente cultivado. Até a diagramação do JST espelha isso: no número 202 (julho de 2000), sete fotos de militantes mortos durante a luta pela terra compõem uma cruz fincada sobre as imagens do sepultamento coletivo de Eldorado dos Carajás.

O aproveitamento de fotos com efeito de luz também acontece, principalmente quando a informação refere-se às místicas comuns no Movimento e que se utilizam de velas ou tochas nas celebrações. Há fotos sombreadas, dando sensação de maior volume, notadamente nas manifestações e caminhadas.

As fotografias publicadas na capa, contracapa e páginas internas foram agrupadas no quadro que se segue:



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

### Fotos coletivas

Multidão com bandeiras do MST*	34
Crianças (**)	15
Místicas realizadas nos encontros do MST	10
Multidão sem bandeiras	8
Manifestações diversas (inclusive em outros países)	8
Escolas do MST e encontro de professores	7
Produção agrícola dos assentamentos	7
Sepultamento de sem-terra assassinados	6
Ocupações de prédios públicos	5
Polícia/repressão	5
Acampamentos com barracos de lona preta	4
Reuniões de negociação (***)	3
Lideranças nas mesas de trabalhos do Congresso	3
Destruição de lavouras de soja transgênica	3
Monumentos do MST	2
Eleição (plebiscito da dívida externa)	2
Esporte (jogo de futebol interassentamentos)	1
Atendimento à saúde (durante o Congresso)	1
Concerto de música para presos do MST	1

(\*) Em treze fotos de multidão, as bandeiras do Brasil e do MST estão juntas.

(\*\*) Em oito, das quinze fotos de crianças publicadas, os personagens estão com bandeiras ou bonés do MST.

(\*\*\*) Em um encontro, realizado durante o 4º Congresso, o presidente Fernando Henrique Cardoso está presente. Trata-se da única foto de autoridade governamental publicada pelo JST no período.



### Fotos individuais (ou com poucas pessoas)

Militantes do MST (*)	14
Intelectuais (**)	25
Artistas	8
Políticos	8
Personalidades estrangeiras (***)	7
Religiosos	5

(\*) Oito imagens prestavam homenagem a militantes mortos. Outras três fotos eram de sem-terras presos e nenhuma liderança nacional do MST aparecia isoladamente em fotos. No máximo, integravam mesas de trabalho do 4º Congresso ou reuniões de negociação. Uma das raras fotos de militante vivo é a do Sr. Luiz Beltrame de Castro, de 92 anos, que participou de seis marchas do MST e recebeu um prêmio durante o 4º Congresso.

(\*\*) Os intelectuais são normalmente professores universitários e profissionais de variadas áreas, entrevistados ou autores de artigos sobre aspectos diversos da realidade brasileira ou internacional.

(\*\*\*) Os estrangeiros são líderes de causas populares, no geral, falecidos.

A escala de utilização de fotografias, segundo classificação constante das tabelas acima, parece repetir, quase de maneira literal, as principais características do MST, listadas por João Pedro Stédile no livro *Brava Gente*: ser um movimento de massas, que soma a luta corporativa (por um pedaço de terra) com a luta de classes e pela transformação política; ter uma direção coletiva que não personaliza as lideranças (até pelo aspecto de segurança); trabalhar a disciplina e a unidade, muitas vezes construída a partir da mística; investir no estudo e na formação de quadros; garantir o sucesso na produção dos assentamentos – vale dizer, comprovar que a reforma agrária traz resultados.





Resta acrescentar a rede de solidariedade que o Movimento conseguiu construir a seu redor, somando artistas, políticos e intelectuais, além de outras entidades de trabalhadores que empunham bandeiras semelhantes de transformação social e cujas imagens também aparecem no jornal. Organizações de pequenos agricultores, de atingidos por barragens, de mulheres trabalhadoras rurais, de sem-teto ou de sindicatos urbanos de várias categorias ocupam espaço para colocar suas propostas e suas visões de mundo. Nos números pesquisados os líderes e eventos da Via Campesina (uma organização de camponeses e pequenos agricultores que atua em vários continentes) também estiveram presentes, ao lado de notícias e fotografias de movimentos populares em países da América Latina. Também no plano interno a solidariedade é cultivada como valor essencial aos sem-terra.

As fotos de conflitos são bem mais raras. Ao longo do ano, foram publicados 22 textos tratando de questões ligadas à violência. Os títulos usavam palavras como assassinato, morte, massacre, prisão, emboscada, pistoleiro, punição e impunidade. Onze fotografias ilustravam estes textos, sendo seis de sepultamentos de sem-terra assassinados (quatro vezes foram repetidas as imagens do enterro das vítimas de Eldorado dos Carajás, em páginas internas e em contracapas). Duas fotos mostravam “bonecos” das vítimas e na edição de novembro de 2000 (número 205, página 14) estava a foto mais explícita da violência: o corpo de um sem-terra morto por pistoleiros em um acampamento no Ceará, crime ocorrido no dia 25 de julho. A imagem é assinada pelo fotógrafo Flávio Cannalunga, da revista *Caros Amigos* que, coincidentemente, estava no acampamento naquele dia para fazer uma reportagem.

O próprio JST, na edição 206, página 12, mostra os números de um ano em que a violência atingiu fortemente o Movimento: de janeiro a novembro de 2000 foram 12 assassinatos e 258 prisões de sem-terra ocorreram entre janeiro e setembro. As imagens publicadas, contudo, estão longe de espelhar a dimensão dos conflitos – seja por falta de material disponível, ou pela proposta editorial voltada a privilegiar outros aspectos da luta e da organização.



O jornalista Nilton Viana, editor do JST em entrevista realizada em 23 de maio de 2001, em São Paulo, reconhece que a opção pelo aproveitamento de fotografias que enfatizam os símbolos e as mobilizações massivas do Movimento é editorialmente intencional. Ele diz que há carência de material fotográfico sobretudo nas coberturas de eventos internos do Movimento, como cursos, colheitas, festas nos assentamentos. Quando o acontecimento desperta interesse da grande mídia, nas mobilizações massivas ou nos episódios de violência, o JST acaba tendo acesso a fotografias: “Nem sempre deixamos de publicar fotos de conflitos por falta de imagens, pois recebemos muitas contribuições de pessoas que apóiam o MST, mesmo fotógrafos da chamada grande imprensa que apenas pedem para que seus nomes não sejam citados. Não publicamos, no mais das vezes, porque pauleira o pessoal já sentiu na pele”, diz o editor.

Nos números avaliados na presente pesquisa, apenas uma imagem mostrava a violência “do outro lado”, isto é, do lado dos apoiadores do MST. Na edição 211, de junho de 2001, página 8, pode-se ver uma foto (editada em três colunas, com 13 centímetros de altura) de pessoas atirando pedras contra um alvo não identificado. A falta de legenda (sempre um problema no JST) sonega do leitor a possibilidade de esclarecer em que circunstâncias o evento ocorreu, mas percebe-se pela presença de bandeiras do PT e bonés da CUT que se trata de uma manifestação de trabalhadores urbanos, possivelmente contra a globalização. Este, pelo menos, é o tema principal do texto da página, que sintetiza uma conferência do sociólogo norte-americano James Petras.

Em nenhuma edição foram publicadas fotos de militantes do MST em atitudes violentas: mesmo quando as imagens são de ocupação de prédios públicos ou manifestações, as massas estão ordeiras e não mostram agressividade. Na edição 206, por exemplo, duas fotos ilustram matérias de ocupações – na sede do Incra em São Paulo e na Gerência Regional de Caixas no Rio Grande do Sul (órgão do governo do estado responsável pelos assentamentos na região). Nos dois casos, as pessoas estão calmas, algumas sentadas. Na edição 209 (abril de 2001, página 7) está publicada uma imagem do protesto realizado em frente à Prefeitura de Orocó, em Pernambuco, contra



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

o assassinato do coordenador do MST na região. A multidão ergue bandeiras, foices e facões, mas a foto mostra as pessoas de costas, não deixando ver suas expressões faciais.

Vale notar também que a imagem mais socialmente emblemática do Movimento Sem Terra, os acampamentos feitos de barracas de plástico preto, aparecem pouco no JST: apenas quatro fotos mostram os barracos, nos números analisados. Ao mesmo tempo, os resultados agrícolas dos assentamentos, ou o trabalho de produção, aparecem em sete imagens, mesmo número de fotos voltadas à educação (escolas ou encontros de professores), denotando a importância dada ao estudo pelo Movimento.

João Pedro Stédile sustenta que este uso do material fotográfico no JST, em especial a predominância de fotos de multidões, é parte do *modus operandi* do Movimento:

*Acho que isso é natural, não é planejado, faz parte da nossa natureza. Nós usamos mística pra tudo. Fazemos tudo em movimento de massa, curso de massa, tribunal de massa, tudo conosco é com muita gente. Por outro lado, sempre procuramos combater os personalismos, os presidencialismos. Então, naturalmente, o jornal incorpora esses elementos que pra nós já são valores. Evitar de botar fotos três por quatro dos dirigentes, evitar de botar fotos individuais. Evitar de botar foto de inimigo: não botamos foto do Fernando Henrique, nem que seja pra gozar. Só as charges, mas isso é pra ridicularizar mesmo. Fotos dos opressores, só no dia em que estiverem na cadeia (Stédile, entrevista realizada em Curitiba, em 2 de maio de 2001).*

A “visão de mundo” do MST, em especial a utopia de construção de uma sociedade diferente no futuro, é passada sobretudo pelos desenhos e fotomontagens. Nos números analisados há um exemplo emblemático: sob o título “Um Brasil sem latifúndio” (lema do Congresso de 2000) o desenho mostra, à esquerda, uma mistura

escura de símbolos como o FMI, armas, televisão, cercas de arame farpado e punhos

1 Trabalho apresentado no NP12 – Núcleo de Pesquisa Comunicação para a Cidadania, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

cerrados. No centro está a bandeira do MST iluminada pelo sol nascente onde se vê uma criança. À direita, o mundo novo, com a terra cultivada, belas casas, flores, produtos do trabalho, mãos que estudam e lêem.

Os aspectos visuais do Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra cumprem a função que deles se espera na publicação e no conjunto do Movimento. As fotografias são usadas para consolidar a força de uma organização de massa que reúne grande número de pessoas irmanadas em um ideal de tal forma coeso que as fazem portar sempre os mesmos símbolos – a bandeira e o boné vermelhos. “No MST há o cultivo de uma estética, mas ela serve a uma ética. A força da imagem que se impõe aos espectadores – e telespectadores – das marchas, acampamentos e ocupações do MST, tem um correspondente interno para os integrantes do Movimento na poderosa representação de uma outra sociedade a construir” (Chaves, 1999 p.103).

Essa representação interna é certamente reforçada pelo JST, não apenas nas fotografias das multidões seguindo unidas, muitas vezes em filas representando a disciplina, mas também nos demais elementos ilustrativos sempre voltados a enaltecer os símbolos e os valores, além de reafirmar as críticas do Movimento ao governo e ao modelo neoliberal.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

### Referência Bibliográficas

- BARTHES, R. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984
- BERGER, J. *Modos de ver*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1999
- CHAVES, C. de A. *A marcha nacional dos sem-terra: um estudo sobre a fabricação do social*. Brasília, 1999. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal de Brasília
- FERREIRA, A D.D., SILVA, C.P. e ANTUNIASSE, M.H. *Assentamentos Rurais e Reforma Agrária no Brasil: organização da produção agrícola, condições de vida e sustentabilidade*. In Cadernos CERU - série 2 n. 10, 1999
- FOLHA DE LONDRINA. *Manual de Redação e Estilo*. Londrina, 1996
- GURAN, M. *Linguagem fotográfica e informação*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed,1992
- HUMBERTO, L. *Fotografia, universos & arrabaldes*. Rio de Janeiro: Funarte, 1983
- SALGADO, S. *As melhores fotos*. São Paulo: Boccato Editores, 1992
- SARTORI, G. *Homo Videns*. Lisboa: Terramar, 2000
- STÉDILE, J. P.; FERNANDES, B. M. *Brava gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 1999

#### Publicações:

Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: edições agosto de 1991, setembro de 1992.

Edições 202 (julho de 2000) a 211 (junho de 2001).

#### Entrevistas:

João Pedro Stédile - líder do MST

Nilton Viana - editor do JST